

LETRAMENTO CRÍTICO E ANÁLISE DIALÓGICA DISCURSIVA: O PAPEL DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

CRITICAL LITERACY AND DISCURSIVE DIALOGIC ANALYSIS: THE ROLE OF LANGUAGE IN THE PROCESS OF CONSTRUCTING KNOWLEDGE AND CRITICAL CONSCIOUSNESS

Weima Paula Nogueira Lima da Cruz¹

Risonete Gomes Amorim²

Bruna Lalliny Magalhães da Silva³

Recebido em 11 de agosto de 2025

Aprovado em 24 de setembro de 2025

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as concepções de linguagem apresentadas pelo Círculo de Bakhtin na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, destacando a importância da linguagem como prática social para o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva do letramento crítico. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é, certamente, uma das obras mais conhecidas do Círculo de Bakhtin. Sua primeira tradução para o português foi feita a partir da versão francesa, em 1979, assinada como “Mikhail Bakhtin (Volóchinov)”. A tradução utilizada neste estudo, no entanto, foi realizada diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, publicada em 2017. Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que adota como base teórica uma abordagem dialógica, com foco em Volóchinov (2017), Rajagopalan (2003), Moita Lopes (2006), Freire (1989), Kumaravadivelu (2003) e Rojo (2009; 2012). Além desses, outros autores que exploram temas como linguagem, cultura e identidade também são mobilizados, a fim de sustentar uma análise discursiva do letramento crítico como prática pedagógica e social. O estudo evidencia que o letramento crítico e a análise dialógica do discurso constituem abordagens fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa, promovendo a formação de alunos conscientes de seu papel social e das implicações da linguagem na construção de suas identidades.

Palavras-chave: Concepções de Linguagem. Letramento Crítico. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the conceptions of language presented by the Bakhtin Circle in the work *Marxism and the Philosophy of Language*, highlighting the importance of understanding language as a social practice in the teaching of Portuguese from a critical literacy perspective. *Marxism and the Philosophy of Language* is

¹Professora da Universidade Federal do Acre (Ufac). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: weima.cruz@ufac.br.

² Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Acre (Ifac). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: risonete.amorim@ifac.edu.br.

³ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: lalinybruna@gmail.com.

certainly one of the Bakhtin Circle's most well-known works. The first translation into Portuguese was made from the French version in 1979 and was signed as “Mikhail Bakhtin (Voloshinov).” The translation used in this study, however, was produced directly from the Russian by Sheila Grillo and Ekaterina Vólkova Américo, and published in 2017. With regard to its theoretical and methodological foundations, this is a bibliographical study that adopts a dialogic approach as its theoretical framework, drawing on the works of Volóchinov (2017), Rajagopalan (2003), Moita Lopes (2006), Freire (1989), Kumaravadivelu (2003), and Rojo (2009; 2012). In addition to these authors, other scholars who address topics such as language, culture, and identity are also referenced in order to support a discursive analysis of critical literacy as both a pedagogical and social practice. The study demonstrates that critical literacy and dialogic discourse analysis represent essential approaches to the teaching of Portuguese, fostering the development of students who are aware of their social roles and the implications of language in the construction of their identities.

Keywords: Conceptions of Language. Critical Literacy. Portuguese Language.

INTRODUÇÃO

A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é, certamente, uma das mais conhecidas do Círculo de Bakhtin. Sua primeira tradução para o português foi feita a partir da versão francesa, em 1979, assinada como “Mikhail Bakhtin (Volochinov)”. A tradução utilizada neste estudo, porém, foi realizada diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, publicada em 2017.

Na segunda parte da obra, intitulada “Os caminhos da filosofia da linguagem marxista”, especificamente no primeiro capítulo, “Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico”, o Círculo de Bakhtin propõe a seguinte questão: “Qual é o objeto da filosofia da linguagem?” (Volóchinov, 2017, p.143). Para Volóchinov (2017), essa questão não está relacionada à formulação de uma definição ou conceito fixo. Não se trata de reduzir o objeto de pesquisa a um conjunto objetivo-material definido, pois, assim, “perdemos a própria essência do objeto estudado, ou seja, a sua natureza sógnica e ideológica” (Volóchinov, 2017, p.144). Mesmo que se isole um som, por exemplo, ainda não se terá a língua como objeto específico; ela continuará ausente.

Para que se alcance o fenômeno da língua, é necessário posicionar os sujeitos — falante e ouvinte —, bem como o som, dentro de um ambiente social. É fundamental, ainda, que esses dois sujeitos pertençam à mesma coletividade linguística e estejam inseridos em uma situação social comum, no contexto de um intercâmbio verbal. Nessa perspectiva, a unidade entre o meio social e o acontecimento comunicativo imediato são requisitos essenciais para estabelecer uma relação com a língua, com o discurso — ou seja, para que se chegue à noção de *língua-discurso* (linguagem). As tradutoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo esclarecem, em nota de rodapé, que os termos “linguagem” e “língua” são expressos em russo pela mesma palavra, *iazik*, e que, para marcar a distinção

entre os dois conceitos, o autor recorre à criação de um termo composto — *língua-discurso* (*iazik-rietch*) — para se referir à “linguagem”, restringindo *iazik* ao sentido de “língua” (Volóchinov, 2017, p.146-147).

Neste trabalho, temos como objetivo discutir as concepções de linguagem apresentadas pelo Círculo de Bakhtin na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, destacando a importância da linguagem como prática social para o ensino de Língua Portuguesa sob a perspectiva do letramento crítico. Assim, o estudo privilegia uma abordagem dialógica, fundamentada em Volóchinov (2017), na qual o Círculo de Bakhtin enfatiza a linguagem como espaço de interação e construção de sentido. Consideram-se também os estudos de Rajagopalan (2011), Moita Lopes (2006), Freire (1989), Kumaravadivelu (2006) e Rojo (2012), que fornecem bases teóricas sólidas para uma abordagem pedagógica transformadora.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e caracteriza-se como bibliográfica. Além dos autores mencionados, são mobilizados outros teóricos que exploram temas como linguagem, cultura e identidade, a fim de sustentar uma análise discursiva do letramento crítico como prática pedagógica e social.

Ao longo do texto, destacam-se as contribuições dos autores selecionados para a compreensão do letramento como prática social crítica, enfatizando suas visões sobre o papel da linguagem na construção do conhecimento e da consciência crítica, em um processo no qual o discurso se manifesta por meio de múltiplas vozes e representações sociais. Nesse sentido, reforça-se a importância da linguagem na formação identitária e no desenvolvimento de uma postura crítica e consciente por parte dos alunos.

O diferencial desta pesquisa bibliográfica não está apenas na utilização de autores que discutem o letramento crítico no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, mas em *como* esses autores são utilizados de forma sistemática, prática e integrada, com o objetivo de construir um modelo pedagógico operacional que vá além do campo das boas intenções e alcance, de fato, a realidade da sala de aula. Assim, busca-se fornecer, aos professores, ferramentas teóricas sólidas e, sobretudo, aplicáveis.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o Círculo de Bakhtin não delimita rigidamente um objeto de pesquisa. Ao contrário, amplia sua compreensão, considerando que o meio social e a situação comunicativa são repletos de múltiplos tipos e modos de relação. Não é objetivo do Círculo realizar uma descrição detalhada da história da filosofia

da linguagem ou da linguística geral, mas sim “uma análise das tendências fundamentais do pensamento filosófico e linguístico da modernidade” (Volóchinov, 2017, p.146).

A primeira dessas tendências é o “subjativismo individualista”, que analisa o ato discursivo individual e criativo da língua, considerando-a como “um fluxo eterno de atos discursivos”. A segunda tendência, denominada “objetivismo abstrato”, concebe a língua como “um arco-íris imóvel que se ergue acima desse fluxo” (Volóchinov, 2017, p.155).

Considerando essas duas tendências do pensamento filosófico e linguístico da modernidade, apresentadas em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a primeira parte deste texto dedica-se à sua análise. Em seguida, discute-se o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva do letramento crítico, com base na concepção de linguagem como prática social.

DUAS TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO: O SUBJETIVISMO INDIVIDUALISTA E O OBJETIVISMO ABSTRATO

Na primeira tendência, denominada “subjativismo individualista”, o psiquismo individual é considerado a fonte da língua. Nesta perspectiva, a língua é vista como uma criação ininterrupta, cujas leis de funcionamento são individuais e psicológicas. São essas leis que devem ser objeto de estudo dos filósofos da linguagem e dos linguistas. Assim, o fenômeno linguístico é concebido como um ato individual, criativo e consciente.

Dessa forma, a língua se assemelha a outros fenômenos ideológicos, como a arte e a estética. Conforme Volóchinov (2017, p.149), o “subjativismo individualista” se fundamenta em quatro postulados:

- 1) A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação, realizado por meio de atos discursivos individuais;
- 2) As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas;
- 3) A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;
- 4) A língua como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como instrumento pronto.

O representante mais conhecido — e considerado fundador — do “subjativismo individualista” é Wilhelm von Humboldt. Sua influência é amplamente reconhecida nessa

primeira tendência, e seu pensamento extrapola os limites dos quatro postulados anteriormente apresentados (Volóchinov, 2017).

Em notas de rodapé, as tradutoras destacam que Hamann e Herder foram precursores de Humboldt. Apontam ainda que o leitor poderá encontrar mais informações sobre esse autor na obra de G. Chpiet, *Vnútrennia forma slova: etiúdi i variátsi na tiénn Gtimboldta (A forma interna da palavra: esboços e variações sobre o tema de Humboldt)*. Na bibliografia russa sobre linguística, o principal representante do “subjativismo individualista” é A. A. Potebnia e o círculo de seus seguidores.

Os representantes posteriores dessa primeira tendência não conseguiram alcançar a profundidade do pensamento de Humboldt. Apesar disso, Steinthal — um dos continuadores — apresenta certa clareza metodológica ao compreender o psiquismo individual como a fonte da linguagem, ancorando sua concepção na psicologia de Herbart.

Com o avanço de uma orientação positivista e empírico-superficial, essa primeira tendência acabou se enfraquecendo ainda mais, até se degenerar. Para o psicologismo empirista de Wundt e de seus seguidores, todos os fatos linguísticos poderiam ser explicados pela psicologia individual, com base em uma abordagem voluntarista. Nesse contexto, a língua é concebida como um fenômeno da “psicologia dos povos”, ou seja, como resultante da soma dos psiquismos de indivíduos isolados.

Contudo, “Wundt desconhece as leis sociológicas específicas, próprias de todo signo ideológico, e que jamais podem ser reduzidas a leis individuais e psicológicas” (Volóchinov, 2017, p.151).

No contexto em que Marxismo e Filosofia da Linguagem foi escrito, Volóchinov (2017, p.151) observa que “a primeira tendência da filosofia da linguagem, tendo se livrado das amarras do positivismo, alcançou novamente, na escola de Vossler, um enorme florescimento”. Ao recusar o positivismo linguístico — que se limita à análise da forma linguística, sobretudo a fonética —, a escola de Vossler passa a valorizar o aspecto consciente e ideológico da língua. Para Vossler, o fenômeno central da linguagem não é o sistema linguístico como um conjunto de formas gramaticais ou fonéticas, mas sim o ato discursivo individual e criativo.

Em contraposição, na segunda tendência, o fenômeno da língua é concebido como um sistema linguístico, estruturado por formas fonéticas, gramaticais e lexicais. Nessa perspectiva, “todo ato criativo individual, todo enunciado, é único e individual; porém, em todo enunciado há elementos idênticos aos de outros” (Volóchinov, 2017, p.151). Esses

elementos recorrentes — fonéticos, gramaticais e lexicais — são normativos para todos os enunciados, garantindo a unidade da língua e sua inteligibilidade dentro da coletividade.

Para o “objetivismo abstrato”, o que importa é essa identidade normativa. Um fonema, ou qualquer outro elemento linguístico que seja idêntico e normativo, é considerado o verdadeiro fato linguístico e se torna o objeto específico da linguística. Nesse modelo, o sistema da língua é independente de qualquer ato individual e criativo.

Ainda dentro dessa segunda tendência, a língua é concebida como uma norma inviolável, que se impõe ao indivíduo. Ou seja, não se trata da criação consciente da língua pelo falante, como na primeira tendência. Mesmo que o indivíduo não reconheça explicitamente a forma linguística como uma norma, ela se apresenta para ele como uma possibilidade natural, operando por meio de seu aparelho psicofísico individual (Volóchinov, 2017, p.156-157).

Nesse entendimento, o indivíduo recebe da coletividade falante um sistema linguístico já pronto, cabendo a ele apenas assimilá-lo integralmente. Não há espaço, portanto, para avaliações ideológicas ou criações individuais. Para o “objetivismo abstrato”, a língua é social, mas no sentido de ser um produto da criação coletiva, não da interação consciente entre sujeitos.

Observa-se, nesse modelo, uma ruptura entre a história e o sistema da língua. Vejamos, a seguir, um excerto de Volóchinov (2017, p.159) que explicita como essa segunda tendência compreende a história da linguagem:

Aqui é possível fazer uma analogia grosseira, mas que, no entanto, expressa com bastante precisão a visão da segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico sobre a história da língua. Vamos comparar o sistema da língua à fórmula da solução do binômio de Newton. Nessa fórmula reina a lei rígida que subordina cada um de seus membros, tornando-os imutáveis. Suponhamos que o aluno cometeu um erro ao utilizar a fórmula (por exemplo, trocou expoentes e sinais), obtendo como resultado uma nova fórmula com sua própria lei interna (é claro que essa fórmula não é aplicável para a solução do binômio...). [...] Na língua ocorre absolutamente o mesmo.

Na segunda tendência do pensamento filosófico-linguístico, a lógica da história da língua corresponde à lógica dos erros ou desvios individuais. Nessa perspectiva, em cada época é possível existir apenas uma norma linguística, qualquer desvio não passará de erro ou violação, jamais outra norma. Em outras palavras, a lógica da língua como um sistema de formas e a lógica de sua formação histórica estão em esferas regidas por leis totalmente diferentes.

Ao compararmos as duas tendências, o “subjetivismo individualista” e o “objetivismo abstrato”, podemos perceber uma nítida contrariedade entre elas. Para a primeira, a essência da língua é revelada na sua história, na sua renovação e individualização. Por outro lado, a segunda tendência condiz com a lógica da repetição de uma forma normativa, não há relação com a sua história.

De acordo com Volóchinov (2017, p.161-162), o círculo de Bakhtin destaca que:

A diferença entre a primeira e a segunda tendência pode ser ilustrada com muita clareza do seguinte modo: as formas idênticas a si mesmas que compõem o sistema imóvel da língua eram, para a primeira tendência, apenas uma estratificação morta da formação linguística real, que é a verdadeira essência da língua, realizada por meio de um ato individual, criativo e irreproduzível. Para a segunda tendência, justamente esse sistema de formas idênticas a si mesmas torna-se a essência da língua.

Sobre os fundamentos do “objetivismo abstrato”, Volóchinov (2017, p.162) destaca quatro pontos:

- 1) A língua como um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.
- 2) As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas em relação a qualquer consciência subjetiva.
- 3) As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Nenhum motivo ideológico é capaz de fundamentar o fenômeno da língua. Entre a palavra e a sua significação não existe uma conexão, seja ela natural e compreensível para a consciência, seja artística.
- 4) Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas; mas justamente esses atos de fala individual explicam a mutabilidade histórica das formas linguísticas, que, como tal, do ponto de vista dos sistema da língua, é irracional e sem sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum. Eles são alheios entre si.

Podemos observar que os fundamentos das duas tendências — o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato — são opostos entre si. Na segunda tendência, diferentemente da primeira, não há um fundador claro, como Humboldt. Suas raízes podem ser encontradas no terreno cartesiano, no racionalismo dos séculos XVII e XVIII. A concepção de gramática universal proposta por Leibniz corrobora as ideias centrais dessa corrente.

Ao contrário da primeira tendência, na qual há uma preocupação com o pensamento e com o psiquismo subjetivo da palavra, a segunda tendência se distancia dessas questões.

Os representantes do Iluminismo no século XVII, por exemplo, passam a considerar a língua como um sistema de signos arbitrários, convencionais e racionais.

O “objetivismo abstrato”, originado na França, encontra sua expressão mais significativa na Escola de Genebra, de Ferdinand de Saussure. Entre seus principais seguidores, destaca-se Charles Bally. Saussure formulou os conceitos centrais do objetivismo abstrato. Diferentemente da escola de Vossler, que teve pouca repercussão na Rússia, as ideias de Saussure influenciaram profundamente o pensamento linguístico russo.

Entre seus postulados filosófico-linguísticos, destaca-se a distinção entre três aspectos da linguagem: a linguagem em sentido amplo, a língua como sistema de formas e o ato individual discursivo — o enunciado. Para Saussure, a linguagem não pode ser objeto de análise linguística por ser heterogênea, desprovida de unidade interna e de leis autônomas.

Assim, Saussure coloca a língua no centro da análise linguística, entendendo-a como o objeto específico da linguística. Ao diferenciar língua e linguagem, afirma que “a linguagem é multiforme e heteróclita”, pois pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social, e “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe inferir sua unidade”. Por outro lado, a língua “é um todo por si e um princípio de classificação” (Volóchinov, 2017, p.167).

Nessa perspectiva, no âmbito do objetivismo abstrato saussuriano, a língua constitui o ponto de partida da análise linguística, sendo compreendida como um sistema de formas normativas e idênticas. Quanto aos atos de fala individuais — os enunciados —, Saussure considera que a fala é “um ato individual de vontade e inteligência”. Ele propõe distinguir, nesse ato, dois elementos: “1) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua com o propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações”. Para ele, o enunciado não pode constituir objeto da linguística (Volóchinov, 2017, p.168). Na tese saussuriana, portanto, a língua está em oposição ao enunciado.

A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CRÍTICO

Ao considerar a linguagem como uma configuração do mundo, a análise linguística deixa de ser apenas uma descrição formal e passa a incluir as nuances culturais e

identitárias que atravessam o uso da língua. Esse aspecto é essencial para o letramento crítico no ensino de Língua Portuguesa, cujo foco é incentivar os alunos a perceberem a linguagem como algo que se conecta ao existir e ao modo de estar no mundo, e não apenas como uma ferramenta comunicativa.

O ensino da língua materna, portanto, deve ser entendido não apenas como uma aplicação prática da teoria linguística, mas como um campo dinâmico que dialoga com outras áreas do conhecimento e responde a demandas sociais e culturais complexas. Nesse sentido, Kumaravadivelu (2003, p.136) enfatiza a necessidade de “uma definição que capte a natureza e o escopo da disciplina”.

A pedagogia proposta por Paulo Freire (1989) defendia práticas de ensino voltadas para a promoção da justiça social, da liberdade e da equidade nas relações. Freire também destacava a importância de os educadores reconhecerem os estudantes como sujeitos sociais, portadores de uma rica bagagem cultural que deve ser considerada em um processo educacional baseado no diálogo.

Além disso, Freire (1989) ressaltava o uso da problematização, que se manifesta por meio de questionamentos críticos sobre a realidade vivida pelos alunos/leitores em relação ao conteúdo apresentado nos textos. Segundo o autor, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (Freire, 1989, p.13).

As bases do que hoje se compreende por letramento crítico podem ser encontradas na obra de Freire (1989), que propõe uma educação voltada à leitura crítica da realidade. Nessa perspectiva, o aluno é incentivado a questionar, refletir e interpretar os contextos sociais e culturais em que está inserido. A proposta é desenvolver um ensino de Língua Portuguesa que vá além do nível funcional e possibilite uma leitura crítica da realidade, promovendo a conscientização e a transformação social.

No contexto do letramento crítico, essa abordagem permite aos estudantes reconhecer que a linguagem carrega múltiplas vozes, representando perspectivas de diferentes grupos sociais e ideologias.

A análise do discurso, conforme proposta por Volóchinov (2017), também compreende a linguagem como uma prática social permeada por relações de poder e interações dialógicas. Para o autor, o discurso é essencialmente dialógico, no sentido de que sempre envolve uma interação entre vozes sociais, representando múltiplas

perspectivas e intencionalidades. A ideia de dialogismo bakhtiniano — segundo a qual a palavra é sempre uma resposta a outra palavra — abre caminho para o ensino crítico, permitindo que os estudantes compreendam as implicações sociais e políticas do discurso. Essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento de práticas discursivas que valorizem a diversidade de enunciação e a construção da identidade.

De acordo com Volóchinov (2017), o enunciado é compreendido como uma unidade concreta da comunicação: contextualizada, situada e carregada de ideologia. Ele reflete o posicionamento político do sujeito que o produz. Nesse sentido, o autor observa que:

[...] nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano.

Essa perspectiva destaca que toda enunciação feita por um interlocutor está inevitavelmente conectada a enunciados anteriores, evidenciando o caráter dialógico da linguagem. Assim, as experiências prévias do falante influenciam suas produções, estabelecendo um diálogo contínuo com seus próprios atos de fala. Tal processo pode ser comparado a uma teia que, ao ganhar novos fios, conecta cada enunciado a outros, ampliando a rede de significados.

Volóchinov (2017) aprofunda essa ideia ao afirmar que a linguagem é uma prática social intimamente vinculada às relações entre os indivíduos e o mundo. Para ele, a linguagem não se limita à transmissão de informações, mas constitui um espaço de negociação de significados e de construção identitária. Dessa forma, o processo dinâmico da linguagem inscreve-se nas estruturas socio-históricas, apresentando-se, portanto, como ponto de partida para o funcionamento e o desenvolvimento social e cognitivo. Em outras palavras, como afirma Geraldi (1991, p.6), “os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto’ deste mesmo processo”.

Com base nessa concepção, a cognição deixa de ser vista como um processo exclusivamente individual e passa a ser compreendida como algo construído socialmente. Assim, conforme argumenta Marcuschi (2003, p.13), “o conhecimento é um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual”. Os sentidos emergem no

contexto da interação — seja com a realidade ou com outros indivíduos — e configuram-se como uma prática coletiva.

De acordo com Kock (1997), as ações dos sujeitos em relação à língua e aos significados que a ela atribuem possuem uma natureza essencialmente sociocognitiva. Sob essa ótica, a interação constitui-se como um espaço propício ao diálogo, no qual os sentidos são gerados e mobilizados por meio da linguagem. No entanto, esses sentidos ganham profundidade e relevância para a formação humana apenas quando são moldados e transmitidos a partir das relações sociais.

Nesse contexto, Moita Lopes (2006, p.19) destaca que a linguagem é um território de construção de identidades, no qual as vozes de diferentes grupos e indivíduos se encontram e se entrelaçam. Assim, recorreremos às suas palavras, quando afirma:

a temática das identidades surge em meio a uma concepção de linguagem como discurso, ou seja, uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico.

No ensino de Língua Portuguesa, essa abordagem dialógica e identitária possibilita ao professor valorizar as vivências e as vozes dos alunos, promovendo um ambiente inclusivo que respeita a diversidade cultural. Essa prática favorece o entendimento da relevância da própria voz e identidade dos estudantes nos contextos profissional e social em que estão inseridos. Ao tratar a língua como prática social, o docente não apenas ensina normas e convenções linguísticas, mas também incentiva os alunos a questioná-las e a utilizá-las conscientemente, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e engajados.

Rojo (2012) expande essa visão ao abordar os multiletramentos, concepção pela qual o diálogo ocorre não apenas na forma oral ou escrita, mas em diversas formas de comunicação visual, digital e multimodal. Essa perspectiva se alinha à proposta de um ensino de Língua Portuguesa em que o aluno é exposto a múltiplos gêneros e práticas discursivas, preparando-o para interagir criticamente em diferentes esferas. Para Rojo (2009, p.107),

O conhecimento de outros meios semióticos está ficando cada vez mais necessário no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos, que têm exigido outros letramentos, por exemplo, o letramento visual e que “têm transformado o letramento tradicional (da letra) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta daqueles necessários para agir na vida contemporânea.

Com isso, Rojo (2012) reforça que o letramento crítico amplia a visão sobre a linguagem ao incluir as várias dimensões culturais e sociais que a constituem. Esse enfoque permite aos alunos perceber a linguagem não apenas como uma ferramenta de empoderamento, mas também como um espaço de construção de sentido e identidade. O letramento crítico, portanto, não apenas desenvolve habilidades comunicativas, mas promove a formação de sujeitos conscientes e ativos, capazes de refletir sobre as práticas discursivas que os cercam.

Nesse contexto, em que a linguagem é estudada como prática social, sigamos nos aprofundando um pouco mais nessa temática, trazendo a contribuição de Rajagopalan (2011, 76-77). Segundo o autor, a

linguagem é aquilo que a gente vive, é nossa vivência, não se restringe à língua. Linguagem é um conceito muito mais amplo que língua. Língua faz parte, e nem sei se a língua faz parte essencial da linguagem, do âmbito da linguagem. A linguagem é o nosso modo de lidar com as nossas circunstâncias, a nossa sociedade, a nossa inserção dentro da sociedade. Portanto, tudo dentro do mundo é mediado pela linguagem, então pra mim linguagem é tudo.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, a concepção de linguagem como prática social reforça a necessidade de um ensino que transcenda a mera transmissão de regras gramaticais ou o desenvolvimento de habilidades técnicas de escrita e leitura. Essa abordagem propõe que a língua seja apresentada como uma ferramenta essencial para a interação, a compreensão e a transformação do mundo, integrando-a às vivências e experiências dos alunos.

Para incorporar essa perspectiva, é fundamental que o ensino considere as realidades sociais, culturais e históricas dos estudantes, promovendo atividades que evidenciem a dimensão prática e dinâmica da linguagem. Nesse sentido, a produção de textos multimodais, que integrem elementos como imagens, sons e vídeos, pode ilustrar como a linguagem se manifesta de maneira abrangente em diferentes formas de comunicação. Além disso, a realização de debates sobre questões sociais, como desigualdade, diversidade e cultura, permite que os alunos reflitam sobre as relações entre linguagem e sociedade, compreendendo como ambas se influenciam mutuamente.

A análise de práticas discursivas cotidianas, incluindo memes, postagens em redes sociais e outras formas de comunicação digital, também se apresenta como uma estratégia eficaz. Essa atividade evidencia a vivacidade e o caráter contextual da linguagem,

mostrando como ela está presente e se transforma no dia a dia. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa adquire uma dimensão crítica e reflexiva, preparando os alunos para agir de maneira consciente e significativa em seus contextos sociais.

CONCLUSÃO

No decorrer deste artigo, apresentamos as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico: o “subjetivismo individualista” e o “objetivismo abstrato”. Vimos que, para a primeira tendência, o psiquismo individual é a fonte da língua. O fenômeno linguístico é um ato individual e criativo consciente, e a língua é semelhante a outros fenômenos ideológicos, como a arte e a estética.

Por outro lado, para a segunda tendência, o fenômeno da língua é o sistema linguístico, compreendido como um sistema de formas linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais. Ao compararmos as duas tendências, observamos uma contrariedade entre elas. No “subjetivismo individualista”, a essência da língua é revelada em sua história, renovação e individualização. Por sua vez, o “objetivismo abstrato” condiz com a lógica da repetição de uma forma normativa, não considerando a relação com sua história.

Após lembrarmos essas duas tendências, discutimos a concepção de linguagem como prática social, destacando o letramento crítico. Vimos que, no ensino de Língua Portuguesa, essa abordagem contribui para uma prática educativa que transcende o ensino funcional e atinge um patamar de consciência crítica, no qual a língua(gem) é compreendida como uma construção simbólica e identitária.

Essa visão é essencial para formar leitores críticos, capazes de entender as múltiplas camadas de sentido no discurso e de reconhecer seu papel como sujeitos discursivos. A construção de uma prática pedagógica dialógica e crítica permite que os estudantes se apropriem da linguagem como instrumento de empoderamento e transformação, promovendo a diversidade cultural e a inclusão social no contexto educacional.

O letramento crítico e a análise dialógica discursiva representam abordagens fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa, promovendo a formação de alunos conscientes de seu papel social e das implicações da linguagem na construção de suas identidades. Ao incentivar uma reflexão crítica sobre as relações entre linguagem, cultura e identidade, essas práticas pedagógicas valorizam a pluralidade linguística e cultural, capacitando os alunos a atuarem como cidadãos críticos e conscientes.

As contribuições dos autores estudados evidenciam a importância de uma abordagem pedagógica que promova a autonomia, a participação ativa e a reflexão crítica dos estudantes. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa pode desempenhar um papel crucial na formação de indivíduos preparados para interagir com o mundo de maneira crítica e transformadora, tornando-se agentes de mudança e justiça social em suas comunidades e profissões.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Discursos de identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KUMARAVADIVELU, Bala. A linguística aplicada na era da globalização. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais**. *s.l.: s.n., s.d.*

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Perplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio**. 2003. *s.l.: s.n.*

MOITA, Luiz Paulo Lopes. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.96-121.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola: práticas com textos e culturas juvenis**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Acesso geral: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila>
Licença Copyleft: Atribuição-Usa não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

